

Dossiê

Metodologias para análise de narrativas midiáticas

tríade
comunicação, cultura e mídia

Teoria do Meio como alternativa para pesquisas em Comunicação: uma abordagem introdutória

Thaísa Bueno

Doutora em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS. Professora adjunta no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Imperatriz. Contato com a autora: thaisabu@gmail.com.

Lucas Santiago Arraes Reino

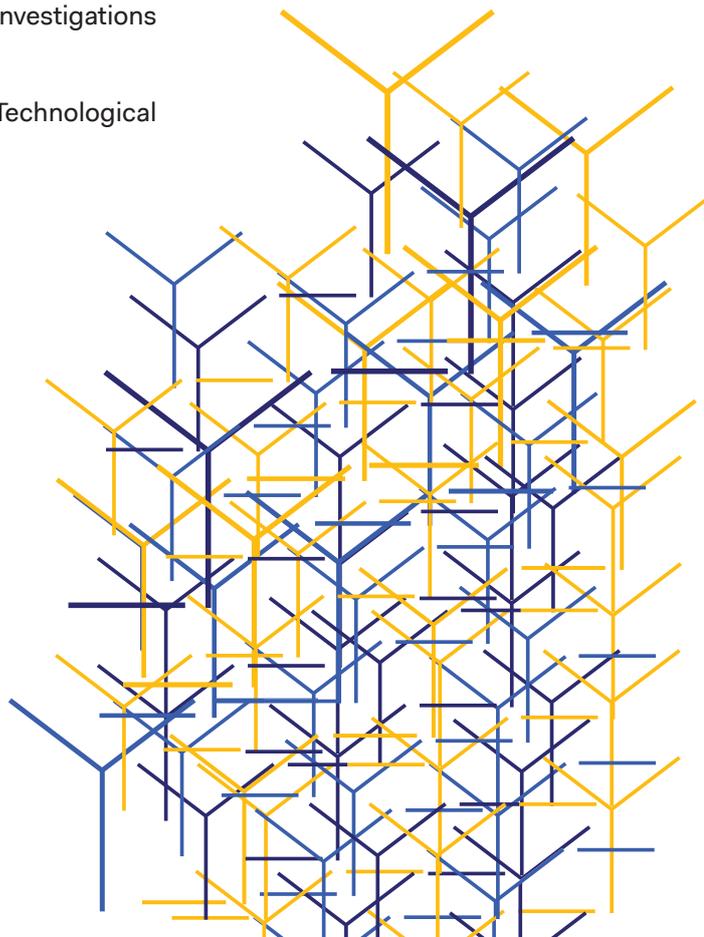
Doutor em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUC-RS. Professor adjunto no curso de Jornalismo da Universidade Federal do Maranhão – UFMA/Imperatriz. Contato com o autor: lucas@ufma.br.

Resumo: Aplicações da Teoria do Meio estão sendo debatidas por pesquisadores da área de Comunicação há pelo menos 15 anos, haja vista que os primeiros estudos desse viés de pesquisa apontam para os trabalhos de Innis (1951). Muito criticada por seu caráter determinista, a teoria passou a ser revisitada com o advento das ferramentas digitais, já que debate, substancialmente, o papel do meio como transformador social. Mas, apesar de sedimentada no âmbito teórico, seus estudos não dispõem de uma metodologia sistematizada. Por esse motivo, este artigo buscou, a partir da leitura detalhada dos estudos dos representantes mais conhecidos dessa corrente, entre eles Innis (1951), McLuhan (1964), Meyrowitz (1998), Postman (1994), Einsenstein (1998), Sousa (2009) e outros, organizar as metodologias mais comumente usadas pelos teóricos desse campo de conhecimento. A proposta tem por finalidade oferecer um copilado de aplicações e quem sabe um primeiro modelo de pesquisa para quem quiser se arriscar em investigações nessa área.

Palavras-chave: Teoria do Meio. Comunicação. Metodologia. Determinismo tecnológico. Ciberespaço.

Abstract: Medium Theory as an alternative for researches on Communication: an introductory approach. Applications of the Medium Theory have been debated by researchers of the Communication area for at least 15 years, since the first studies of this research bias point to the works of Innis (1951). Highly criticized due to its deterministic character, the theory was revisited with the advent of digital tools, since it substantially debates the role of the medium as a social transformer. However, despite being theoretically consolidated, its studies do not have a systematized methodology. Thus, this article aimed, from a detailed reading of the studies of the best known representatives of this current, among them Innis (1951), McLuhan (1964), Meyrowitz (1998), Postman (1994), Einsenstein (1998), Sousa (2009) and others, to organize the methodologies that are most commonly used by the theorists of this knowledge area. The proposal aims to offer a collection of uses and maybe a first research model for those who want to take a risk conducting investigations in this area.

Keywords: Medium Theory. Communication. Methodology. Technological Determinism. Cyberspace.



1 Introdução

Até que ponto as ferramentas criadas pelo homem, na sua aplicabilidade no cotidiano, modificam a sociedade a qual ele pertence? Perguntas dessa envergadura, definitivamente, movem as pesquisas da corrente teórica conhecida como Teoria do Meio, um arcabouço que relaciona a tecnologia às ações humanas e as entende como a energia impulsionadora da história pela sua capacidade de mudar e reconfigurar a si e a sociedade na qual está inserida.

Mas, apesar de ser quase que unanimidade o papel respeitável das ferramentas nas construções sociais, alguns impasses impediram, e impedem, a popularização da Teoria do Meio nos estudos de Comunicação. Grint e Woolgar (1997) defendem, por exemplo, que as dificuldades enfrentadas em trabalhos científicos que buscam abordagens mais técnicas acontecem porque, segundo eles, por muito tempo essas trajetórias foram pensadas de forma bifurcada do contexto social. Como se os aparatos técnicos fossem exteriores e não complementares ao mundo social e vice-versa.

Apropriada ideia do técnico, por definição, exclui o social. Em certos usos – por exemplo, quando se criou o conceito de “sociologia da ciência” em tempos pré-kuhnianos – o conjunto de termos técnicos e sociais parecia contraditório (GRINT; WOOLGAR, 1997, p. 1)¹.

Além disso, o modo como cada teórico que investigou os aparatos tecnológicos escolheu para conduzir suas pesquisas, não sistematizadas num modelo comum entre eles, também tem sido apontado como um entrave, particularmente para novas investidas na área. Ou seja, embora seja a perspectiva da comunicação o viés que uniu os pesquisadores dessa corrente, nem todos desenvolveram da mesma forma os levantamentos sobre a modificação social impulsionada pelas ferramentas.

Assim, a proposta deste artigo é discutir o viés da comunicação com o intuito de distinguir as perspectivas de modelos mais deterministas e contribuir com a pesquisa nessa área tentando reunir, neste artigo, os modelos mais comuns de aplicação dos teóricos do meio. A proposta tem por finalidade oferecer um copilado de aplicações e quem sabe um primeiro modelo de pesquisa para quem quiser se arriscar em investigações nesta área, visto que não há, efetivamente, um modelo de aplicação desta perspectiva sistematizado. A seleção dos modelos e indicações foi sistematizada a partir da leitura das pesquisas dos principais nomes desta teoria, entre eles Innis (1951), McLuhan (1964), Meyrowitz (1998), Postman (1994), Einsenstein (1998), Sousa (2009) e outros.

2 Determinismos

Na cultura contemporânea é difícil duvidar do papel nevrálgico da tecnologia nas

1 Tradução nossa.

transformações culturais. Um olhar, mesmo que desatento, para as mudanças simples da vida cotidiana, como a inserção dos aparatos móveis de comunicação, já dá uma grande dimensão dessa alteração na forma de interagir com o mundo e com o outro. Saber se a tecnologia, por si só, altera o modo como nos comunicamos, como vivemos, como nos relacionamos parece ser a aflição mais concreta nos estudos atuais.

Talvez seja esta uma das maiores angústias de cientistas, estudiosos e comunicadores contemporâneos: a impotência de interagir, diante da força das tecnologias contemporâneas em modificar o meio em que se infiltram, que tudo arrastam consigo, como uma correnteza sem destino, deixando perplexos até mesmo os mais ferrenhos tecnófilos (LIMA, 2011, p. 3).

Conforme a autora, o sociólogo americano Thorstein Veblen (1857-1929) foi o primeiro a usar o conceito de “determinismo tecnológico”, embora seja de Robert Ezra Park, da Universidade de Chicago, o mérito de sua popularização. De acordo com o levantamento de Lima (2011), foi em 1940 que

Park declarou que os dispositivos tecnológicos estavam modificando a estrutura e as funções da sociedade, noção que serviu de ponto de partida para uma corrente teórica em todos os aspectos inovadora. Desde a Segunda Guerra Mundial, os cientistas têm considerado a tecnologia como um dilema moral e que seu uso pode causar consequências profundas na humanidade e no planeta. (LIMA, 2011, p. 4).

Para Smith e Marx (1996, p. 21), o conceito de determinismo tecnológico ampliou-se com a Revolução Industrial, período no qual as teorias com essa especificidade ficaram mais conhecidas. Na avaliação desses autores, foi a partir desse pensamento que muitos políticos e governos, em particular nos Estados Unidos, fizeram uso da ideia de que o progresso era o que garantia avanços à humanidade “intelectual, moral e espiritualmente”.

Para mais bem visualizar essa característica da corrente de traço determinista, recorremos a definição de Grint e Woolgar (1997, p. 8), como escreveram: “Na sua forma mais simples, o determinismo tecnológico retrata a tecnologia como um desenvolvimento exógeno e autônomo que coage e determina as organizações e as relações sociais e econômicas”.

E ainda que o determinismo seja uma corrente de pensamento positivista que, em linhas gerais opere com causa e efeito, o emaranhado de críticas que recebeu, fez com que coexistissem níveis distintos de determinismo, permitindo, até amostras que dialogassem com estudos de enfoques mais pluralista.

Na tentativa de entender o viés da tecnologia nos estudos de comunicação, Smith e Marx (1996) fazem uma distinção importante no modo como esses pesquisadores conduziram suas análises e propõem uma divisão entre deterministas duros, críticos e brandos. A partir dessa categorização, seriam deterministas duros aqueles que veem pouca alternativa para a sociedade diante do poder da máquina; já os deterministas críticos seriam os que defendem a tese de que a tecnologia é algo abstrato e que, em última instância, tudo dependeria da ação do homem; por

fim, os deterministas brandos seriam aqueles que relacionam a tecnologia às ações do homem e situam o desenvolvimento “numa matriz social, econômica, política e cultural muito mais variada e completa” (SMITH; MARX, 1996, p. 6).

Rodriguez (2002), ao explicar a distinção entre deterministas duros e brandos recorre a Ilkka Niiniluoto, para quem havia duas formas de enxergar a tecnologia: uma romântica e a outra tecnocrata. A primeira, assim como os deterministas duros de Smith e Marx (1996), coloca a tecnologia de forma personificada, em geral maligna e independente do homem; já a segunda, enxerga-a em funcionalidade com a dinâmica social. Para Rodriguez (2002), essa separação dicotômica e a rivalidade entre deterministas duros e brandos atrapalharam o reconhecimento da perspectiva e impediram que esta pudesse dar maiores contribuições para a ciência, até mesmo para perceber sua capacidade de agregar sentidos além da ferramenta.

Nesse sentido, parece tentador sugerir que foi justamente consequência da separação e rivalidade entre as posturas duras e brandas – com suas respectivas variantes segundo cada autor – que impediu que se considerasse o fato de que a ideia de determinismo tecnológico aponta, necessariamente, para um estado mais amplo das coisas, um estado em que envolva a tensa e complicada relação dos sujeitos humanos com sua própria história. Trata-se de uma relação em que ambos são, em grande medida, autônomos e dependentes ao mesmo tempo dos imperativos um do outro. (RODRIGUEZ, 2002, p. 8)².

Grint e Woolgar (1997) acrescentam que, devido às críticas vários pesquisadores preferiam evitar posicionamentos extremos de qualquer espécie em favor de um aparato conceitual que incluísse elementos diferentes: tecnologia, pessoas, organizações, gêneros, grupos de interesse e outros.

Conforme Lima (2011), por causa do modelo mais radical de determinismo, por muito tempo as pesquisas com foco tecnológico foram negligenciadas em favor de outros pontos de vista e isso impediu que lhes fosse dado o reconhecimento necessário, que só veio com os anos. Inspirada no pensamento de Finnegan (1975) esclareceu:

A hipótese radical do Determinismo Tecnológico é talvez extremista – mas o seu radicalismo ajuda a nos tirar da nossa complacência e dirige nossa atenção para um conjunto de fatos e possíveis conexões causais previamente negligenciadas. Como um modo sugestivo de olhar para o desenvolvimento social o determinismo deve ter seu valor, apesar do seu factualismo inadequado (LIMA, 2011, p. 9).

Innis (1951), que nunca se assumiu como determinista e foi assim classificado por McLuhan (1964), defendia que o viés da comunicação era apenas uma forma possível de análise, não uma ruptura com as demais. Conforme explicam os comentaristas no prefácio de sua obra, o autor jamais teve um posicionamento reducionista, apenas reconhecia a força das ferramentas.

McLuhan (1964), ao tentar descrever o modo como o meio era retratado pelos estudiosos

2 Tradução nossa.

da comunicação em seu tempo, demonstrou que apenas dois modelos eram adotados quando o canal integrava as pesquisas: primeiro como algo inócuo – simples forma de agregar a mensagem –, e seguidamente como um recurso negativo, quando este interferia na mensagem por causa de ruídos ou obstrução da veiculação. Em sua avaliação, isso prejudicou muito o avanço das pesquisas sobre o semantismo do meio. Para o autor canadense, o suporte (expressão nunca usada por ele) desencadeia diferentes mecanismos de compreensão, novos e distintos significados à mensagem.

Sousa (2009) defende a linha segundo a qual os estudos que elegeram a ferramenta como viés de apreciação instigaram pouco interesse, entre outras razões, por causa da dificuldade de enxergar o objeto de análise. “A resposta mais plausível está relacionada à materialidade da mensagem, ou seja, à visibilidade dela. O meio de comunicação, sem estar veiculando mensagens, é invisível para as pessoas, portanto, objeto de menos curiosidade” (SOUSA, 2009, p. 13).

Mais ou menos extremistas, o fato é que mesmo os críticos do determinismo tecnológico ou aqueles que não são adeptos da teoria, dificilmente puderam negar totalmente a influência da tecnologia nas mudanças sociais. E, ainda que o canal não seja um responsável isolado ou solitário, é plausível reconhecer a sua interferência na construção da história do homem. Hoje, apesar das pesquisas que adotam, efetivamente, a ecologia da mídia continuarem na sua maioria ocupando o limbo dos estudos comunicativos, não causa mais estranhamento defender que suportes diferentes criam diferentes conteúdos e diferentes paisagens sociais também. Além disso, vários programas de pós-graduação no país têm escolhido o meio, as mídias e seus correlatos como foco de atuação e pesquisa.

Tanto é assim que aos poucos novos pesquisadores começaram a se interessar pelo papel do meio na construção de sentido. Até na Linguística, por exemplo, área que tem em geral teorias focadas no discurso, admitem-se hoje diagnósticos complementares com o que chamam de plano de expressão. “[...] em muitos textos, o plano de expressão faz mais que apenas expressar o conteúdo, ele cria novas relações com o conteúdo” (BARROS, 2005, p. 210).

No campo da Comunicação, Meyrowitz (1998) divide os estudos que se dedicam a olhar para o meio em três direções distintas: na primeira, ele é visto como um condutor e receptor de mensagens que agrega pouco sentido ou alteração ao conteúdo. Nesse ponto de vista inicial, o foco de análise prioriza o conteúdo, já que o meio não é inserido como um agente de transformação. A outra forma de incluir o conceito nas análises reúne os pesquisadores que se dedicam ao curso do que o autor chamou de “gramática do meio”. Esta seria a linguagem própria deste, como por exemplo, a forma como são utilizadas a tipografia no caso de um jornal impresso ou as cores e enquadramentos no vídeo etc. Por fim, a terceira perspectiva, seria efetivamente a que entende que cada meio tem características próprias fixas, independentemente do seu conteúdo e linguagem técnica. Somente esse modelo, na avaliação do autor, advoga que o meio pode mudar o ambiente social em que está inserido. Essa última forma de tratar as ferramentas de comunicação seria a perspectiva adotada pela Teoria do Meio. Perspectiva essa

que coloca o meio como recurso além de mera forma de transmissão, mas uma configuração social.

Ao discorrer sobre concepção, McLuhan (1964) divide a relação da sociedade com o meio em três períodos – também chamados de culturas ou galáxias. Pela sua divisão, essas culturas seriam: a Cultura Oral, comum em sociedades não alfabetizadas em que a oralidade – dita ou escutada – era predominante. Para McLuhan (1964), esse meio favoreceu a formação de uma sociedade marcada pela proximidade e pelo compartilhamento de experiências. A segunda sociedade foi organizada a partir da Cultura Tipográfica (Galáxia de Gutemberg). Formada por homens e mulheres alfabetizados, era um modo de vida que dava mais valor ao sentido visual. Para o autor, nessa sociedade a consciência era linear, uniforme, assinalada pela memória e pelo apelo geográfico. Por fim, classifica a terceira sociedade como aquela constituída na Cultura Eletrônica, que tinha como marca a instantaneidade e a velocidade da informação e era caracterizada pelos meios elétricos de comunicação e pelo uso de efeitos sensoriais que esses meios articulavam.

McLuhan (1964) refere-se basicamente à TV e ao rádio como meios de comunicação que distinguiram essa terceira época. Santaella (2007), embora não trate especificamente do assunto Teoria do Meio, propõe uma revisitação às culturas pensadas pelo estudioso canadense e amplia essas fases com base na introdução de novos meios de comunicação nas sociedades desde a Cultura Eletrônica. Segundo a estudiosa, outra proposta de divisão incluiria: Cultura Oral, Cultura Escrita, Cultura Impressa, Cultura de Massa, Cultura das Mídias e Cibercultura. O que interessa na discussão aqui sobre o entendimento de meio é a descrição que a autora faz dessa última Era, assinalada, conforme pontua, pela mundialização, navegação abstrata, forma de interação e mundos virtuais.

3 Teoria do Meio

Foi o próprio Meyrowitz, nos anos de 1980, quem criou a etiqueta “Teoria do Meio”. Ele intitulou assim a perspectiva de análise que reunia autores que se dedicavam a guiar suas pesquisas a partir do papel dos meios de comunicação na construção social, entre eles os pioneiros Harold Innis e Marshall McLuhan. A classificação, embora bem aceita, não é a única. Aliás, os mesmos autores alocados por Meyrowitz como pertencentes à Teoria do Meio são os que costumeiramente são citados como integrantes da corrente teórica Ecologia de Mídia.

Na verdade, são duas nomeações para o mesmo arcabouço teórico. Autores como Wainberg (2013) e Gencarelli (2013) dão anuência ao fato de que os dois termos representam a reunião de autores com as mesmas ideias e, portanto, são sinônimos. E independentemente do nome com que se referem a ela, o fato mais importante é saber que, apesar do seu traço determinístico, é uma forma de análise da tecnologia que não fecha o foco na técnica, mas na técnica como instrumento de transformação social.

Teóricos do Meio, como Innis (1951), McLuhan (1964) e Meyrowitz (1985), entre

outros, entendem que os dispositivos técnicos alteram a forma de pensar da sociedade e, por isso, como sintetizou McLuhan (1964, p. 54), “toda compreensão das mudanças sociais e culturais é impossível sem o conhecimento do modo de atuar dos meios com o meio ambiente”.

Innis (1951), por exemplo, estudou a ascensão e a queda dos impérios antigos a partir da utilização de diferentes ferramentas de comunicação; McLuhan, entre os anos 1960 e 1970, popularizou a teoria e investigou o efeito dos meios na sociedade da escrita até a imprensa. Ele considerou o meio uma extensão dos órgãos do corpo humano; e Meyrowitz (1985) propôs uma aproximação dos conceitos desses autores ao Interacionismo Simbólico, corrente teórica que estuda as comunicações interpessoais, e, com isso, trouxe a discussão do papel dos meios de comunicação como modificadores do cotidiano das pessoas comuns.

Como bem pontuou Innis (1951), a questão não é ventilar se a tecnologia domina o homem ou vice-versa, mas o papel dos meios nos arranjos culturais e no equilíbrio das forças sociais. É, na verdade, alocar a comunicação como recurso para apreender a realidade. Para o autor, assim como para outros teóricos do meio, os canais de comunicação são decorrentes das suas características materiais que autorizam e influenciam na sua articulação simbólica.

Inclusive, merece registro que apesar da fama de McLuhan, o primeiro a abordar a influência do meio foi Harold Innis, professor de economia da Universidade de Toronto, que publicou em seu livro *O Viés da Comunicação* (2011) um estudo sobre as mudanças através dos tempos, analisando como os meios promoveram alterações nas civilizações. Innis (2011) foca o exemplo da civilização ocidental, apesar de citar a China também, para argumentar que há uma profunda influência da comunicação em transformações significativas dessa sociedade. Em cada período escolhido pelo autor, busca relacionar as implicações dos meios de comunicação com características do conhecimento e à criação de monopólios ou oligopólios de conhecimento, em um ciclo que vai do equilíbrio à alteração deste, como por exemplo:

- a) a argila, o estilete e a escrita cuneiforme do começo da civilização na Mesopotâmia;
- b) o papiro, o pincel e as escritas hieroglífica e hierática do período greco-romano, aos quais se acrescentam o estilete de junco e o alfabeto no momento da queda do império do Ocidente;
- c) o pergaminho e a pena no século X (ou Idade das Trevas);
- d) que coexistem com o papel, o qual se torna mais importante com a invenção da imprensa;
- e) o papel e o pincel na China e o papel e a pluma na Europa, antes da Renascença e da invenção da imprensa;
- f) o papel e a imprensa tipográfica baseada em métodos artesanais até o início do século XIX, ou da Reforma até a Revolução Francesa;
- g) o papel produzido por máquinas e o uso de fontes de energia não humana para a prensa tipográfica, a partir do início do século XIX, ao papel fabricado da madeira, na segunda metade deste mesmo século;
- h) o celuloide na expansão do cinema;
- i) e finalmente o rádio, no segundo quarto do século XX. (INNIS, 2011, p. 42).

Foi Innis uma das principais influências de McLuhan (LIMA, 2011), que seguiu com essas ideias e as tornou mais conhecidas. Mais centrado na energia elétrica e na televisão,

que nos anos de 1960 ganhava espaço e interesse dos pesquisadores, McLuhan (1964) trouxe reflexões sobre a atualidade e o futuro e percebeu como esses novos meios estavam impactando a sociedade e como era importante pesquisá-los sob esse viés. A energia elétrica foi um dos exemplos de McLuhan para explicar a importância do meio. Segundo ele, a eletricidade é informação pura, um meio sem mensagem, a não ser que seja usada para explicitar algo:

Este fato, característico de todos os veículos, significa que o conteúdo de qualquer meio ou veículo é sempre um outro meio ou veículo. O conteúdo da escrita é a fala, assim como a palavra escrita é o conteúdo da imprensa e a palavra impressa é o conteúdo do telégrafo (MCLUHAN, 1964, p. 22).

A trajetória de McLuhan pode ser descrita como uma crescente, quando publicou livros e participou de programas de TV e de filmes. Isso ocasionou o surgimento de seguidores acadêmicos e de outros autores que continuaram desenvolvendo essa linha teórica. Em um momento posterior ele foi deixado de lado pelas pesquisas acadêmicas, ou pior, “[...] foi diabolizado, ironizado e difamado num certo período da história” (WAINBERG, 2013, p. 137).

Atualmente, após o surgimento e consolidação da internet, e a concretização de diversas projeções de McLuhan, ele voltou a ser estudado e seus trabalhos retomaram o lugar de destaque que tinham nos anos de 1970. Se com a TV parte das ideias não foram vistas ou realizadas, a rede mundial de computadores, tablets, celulares e outros dispositivos mostram que foram muitos os acertos do canadense.

Innis e McLuhan tiveram seus trabalhos reunidos sob o título de Teoria do Meio apenas na década de 1980, pelo pesquisador americano Joshua Meyrowitz, que além de dar nome à teoria, dividiu seus representantes em gerações caracterizadas pelos procedimentos com que conduziram seus estudos. Segundo ele, a primeira geração é marcada por pesquisas cujo foco eram as modificações que os meios promoveram nas instituições sociais; um olhar macrossocial, portanto. Já a segunda geração seria aquela que reúne abordagens sobre a repaginação dos papéis sociais promovidos pelas ferramentas de comunicação, em outras palavras, uma sondagem microssocial.

Na primeira geração, além dos precursores Innis e McLuhan estão – embora nenhum deles tenha se reconhecido como tal – Walter Ong, Jack Goody, Carothers, Eric Havelok, Edmund Carpenter, Daniel Boorstin, Elisabeth Einsenstein, entre outros. Conforme Meyrowitz (1998b), mesmo esses pesquisadores, com grandes contribuições para os estudos de comunicação, ficaram à margem da história por causa do preconceito do qual esse viés foi alvo. Mesmo sem nenhuma colaboração direta, os teóricos do meio compartilham uma visão comum da história da comunicação em geral, tais como diferenças de época entre as sociedades orais e de letrados, cuja impressão foi muito mais impactante do que a escrita mecanizada, e que a era eletrônica é, dramaticamente, diferente da época de impressão (MEYROWITZ, 2009).

Eles trataram de diferentes territórios, escolheram diferentes enfoques e tiraram diferentes conclusões. Entretanto, quando seus argumentos e análises são pegos

juntos, aparece uma surpreendente consistência e uma clara imagem do potencial de interação de meios de comunicação e das culturas emergentes. (MEYROWITZ In: SOUSA, 2004, p. 65).

Já a segunda geração, que difere da primeira pela abordagem focada nas mudanças de pequenos grupos sociais ao invés de transformações de grande amplitude – estados, nações, etc. –, teve como nome mais conhecido o próprio professor Meyrowitz. Entre as vicissitudes mais significativas desse novo momento da teoria está a aproximação que ele fez com o arcabouço teórico do Interacionismo Simbólico, uma corrente que estuda as comunicações interpessoais. Com isso passa a buscar diálogos pluralistas com outros modos de retratar a sociedade. Seu estudo mais expressivo nessa perspectiva, e que o destaca como pesquisador de segunda geração, foi sobre o papel da televisão nas mudanças das situações sociais.

Em nível micro, a Teoria do Meio concentra-se no uso de um meio específico ou tipo de mídia para um propósito particular em uma determinada situação. Como exemplos, Meyrowitz cita a escolha de um meio em vez de outro para iniciar ou terminar uma relação amorosa, dar aulas, candidatar-se para um trabalho ou comunicar-se com seus vizinhos. Já o nível macro trata de questões mais amplas, discutindo como os meios mudam, alteram as sociedades em áreas como arquitetura, culturas, estruturas sociais, entre outras.

Ao tentar detalhar a segunda geração de teóricos do meio, Sousa (2004) traz um questionamento esclarecedor que orientou essa etapa da corrente.

Os meios eletrônicos entraram em nossas vidas e redefinem velhas situações sociais. A questão, a saber, é como isso modifica o nosso dia-a-dia. Colocando de outra forma, o que muda quando deixamos de escrever uma carta para fazer uma ligação telefônica ou quando deixamos de fazer um telefonema para escrever um e-mail. (SOUSA, 2004, p. 11).

Uma terceira geração, que não chegou a ser vislumbrada por Meyrowitz, talvez pudesse incluir pesquisadores do ciberespaço. Isso porque ao que parece o advento desse lugar virtual tem contribuído para que os estudos do meio comecem a receber uma atenção maior dos pesquisadores. Maingueneau (2005), por exemplo, acredita que apenas recentemente, com o surgimento do computador e da linguagem cibernética, os pesquisadores se ocuparam do estudo da manifestação material dos enunciados como forma complementar de produção do sentido.

Foi, sobretudo, com a chegada dos mídiuns audiovisuais e o desenvolvimento da informática que tomamos consciência desse papel crucial do mídiun. Eles revolucionaram efetivamente a natureza dos textos e seu modo de consumo. Seu surgimento provocou uma ruptura com a civilização do livro, que trazia em si toda uma concepção do sentido (MAINGUENEAU, 2005, p. 72).

Na avaliação de Sousa (2009), foram também as discussões sobre ciberespaço que fizeram com que os pesquisadores retomassem, na atualidade, o olhar para a Teoria do Meio. “Foi a partir daí que a Teoria do Meio começou a consolidar-se como o um campo de estudo

dinâmico, unificado e continuado” (SOUSA, 2009, p. 65).

4 Metodologia da Teoria do Meio

Apesar de a internet e a apropriação desses espaços na rede terem ajudado a diminuir o receio dos pesquisadores em incluir o canal nas suas apreciações, a Teoria do Meio nunca chegou a construir uma metodologia de análise consistente, que fosse sistematizada ou utilizada de forma homogênea por seus representantes. O próprio Meyrowitz (1994) admite que, a despeito do nome, essas lacunas metodológicas e epistemológicas fazem desse viés uma tradição de pesquisa e não uma teoria propriamente dita.

Reino (2013), num artigo que tenta levantar os procedimentos metodológicos mais comuns utilizados pelos pesquisadores da Teoria do Meio, argumenta que, mesmo não tendo um modelo preciso, a maioria dos estudiosos que fizeram uso de sua estrutura teórica adotou como ferramenta o levantamento bibliográfico e o resgate histórico. Essas foram as escolhas, por exemplo, de Innis, Walter Ong, Elizabeth Eisenstein, H. C. Chaytor e, mais recentemente, Neil Postman, com o livro *Tecnopólio - A rendição da cultura à tecnologia* (1994).

A falta de rigor científico foi um dos pontos mais criticados na obra de McLuhan (1964). “Ele não adotou uma metodologia específica para pesquisar como a TV vinha mudando a mensagem ou as pessoas, mas fazia comparações e dava exemplos para suas premissas sobre o meio a partir de sua própria vivência” (REINO, 2013, p. 8). Ao avaliar a obra do autor, Wainberg (2013, p. 137) esclareceu: “Ele não era um pesquisador empírico, era um visionário ao estilo europeu. A prosa dele é uma prosa especulativa. A sorte de McLuhan é ter acertado a mão”.

Meyrowitz (1994) reconhece que a falta de uma proposta metodológica é o ponto mais delicado para o desenvolvimento da teoria e de seu reconhecimento.

Ao contrário da pesquisa de conteúdo, os “efeitos” que os teóricos do meio procuram são geralmente difíceis de demonstrar através de métodos “social-científicos”. A recriação de uma cultura impressa pré-eletrônica para observação ou manipulação experimental, por exemplo, é praticamente impossível. E inquéritos não são particularmente úteis na Teoria do Meio uma vez que o ponto é muitas vezes para examinar tipos de mudanças estruturais e fontes de influência que estão fora da consciência da maioria das pessoas. Houve algumas tentativas significativas para testar aspectos da Teoria do Meio experimentalmente e descritivamente. Para a maior parte, no entanto, a Teoria do Meio, especialmente em nível macro, depende muito do argumento, da análise histórica, e uma grande escala de identificação de padrão. Embora os melhores estudos pesem evidências cuidadosamente e procurem refutar, bem como confirmar exemplos, a maior parte da Teoria do Meio não é suportada por sistemas de análises quantitativas. Para algumas pessoas, isso faz com que ela seja muito mais emocionante e interessante do que a análise de conteúdo tradicional, para outros, faz teoria meio frustrante e “não-científica” (MEYROWITZ, 1994, p. 70).

Conforme Reino (2013), em troca de mensagem eletrônica com Gencarelli (2013), apesar das críticas, essa falta de um método definitivo que oriente os pesquisadores da área

não é vista como algo ruim. Seria, até mesmo, um ponto positivo da corrente, uma vez que permite adaptações a metodologias diferenciadas de acordo com o perfil conceitual e filosófico de cada cientista e, claro, com a particularidade de cada objeto. “Uma das coisas maravilhosas sobre a Ecologia da Mídia como um quadro conceitual e filosófico para o estudo da mídia é que ela nunca foi casada com metodologia nem privilegiando nem em detrimento de outro” (GENCARELLI In: REINO, 2013, p. 9).

Por esse caráter fluido, pensadores que tratam da teoria tentam, em diversos momentos, de maneira discreta em pequenos parágrafos de suas obras, traçar alguns padrões de orientação para auxiliar quem, por acaso, resolva se aventurar em novas pesquisas a partir da perspectiva do meio. É o caso de Sousa (2009), que sintetizou dois pontos de direção que ajudam a enxergar melhor as escolhas nessa linha de análise: o objeto de apreciação e a pergunta-guia de pesquisa.

O objeto, como explica, “são os efeitos dos meios de comunicação no comportamento social” (SOUSA, 2009, p. 21); e os questionamentos deveriam ser guiados para tentar descobrir que características o canal tem que o faz diferente dos demais, no contorno tanto físico quanto social. Para localizar a solução na definição do objeto na pergunta de pesquisa, a autora faz um desafio: “uma forma eficaz de encontrar essa resposta é pensar o mundo sem essas tecnologias” (SOUSA, 2009, p. 21).

Ainda em diálogo com Sousa (2009), para quem o grau de importância de uma ferramenta é mais bem visualizado a partir da tentativa de imaginar o mundo sem ela, podemos dizer que essa orientação é o que move a construção de tipologia.

Além desse guia de Sousa (2009), Meyrowitz (2009, p. 520) propõe alguns rumos aos pesquisadores. Entre as perguntas que recomenda estão estas:

- Que aspecto sensorial este meio é capaz promover?
- Qual a proximidade entre o meio e a realidade?
- A interação com o usuário acontece de forma sequencial ou simultânea?
- Que controle o meio tem na recepção e na transmissão do conteúdo?
- Quais as exigências físicas para o uso de tal meio?
- Que tipo e condições de manipulação são possíveis ou comuns para a criação de uma mensagem neste meio?
 - Qual a durabilidade e a portabilidade deste meio?
 - Quais as facilidades ou dificuldades de aprender a decodificar os códigos e as mensagens no meio?

Outro teórico que também tentou materializar os nortes de investigação do canal foi Postman (1994). Em sua obra ele traz uma reflexão respeitável no entendimento da condução da pesquisa nessa perspectiva. Segundo o autor, é necessário que aqueles que adentrarem essa área busquem entender as vantagens e as desvantagens de cada ferramenta observada. “Podemos aprender com isso que é um erro supor que qualquer inovação tecnológica tem um

efeito unilateral apenas. Toda tecnologia tanto é um fardo como uma bênção; não uma coisa ou outra, mas sim isto e aquilo” (POSTMAN, 1994, p. 14).

Como destaca, é muito comum que boa parte das pesquisas, que em algum momento tratam da tecnologia, olhe apenas para os benefícios das ferramentas. No entanto, em sua avaliação, um levantamento sério sobre o canal não pode deixar de fazer um balanço comparativo das suas limitações e exclusões. “Profetas de um olho só veem apenas o que as novas tecnologias podem fazer e são incapazes de imaginar o que elas irão desfazer” (POSTMAN, 1994, p. 15).

Na atualidade, e também na tentativa de encontrar uma boa saída metodológica para os teóricos do meio, em particular nos estudos do ciberespaço, uma vez que, como já foi dito, a teoria teve um novo impulso a partir do advento da internet, Reino (2013) sugere uma aproximação da Teoria do Meio com a metodologia dos estudos quali-quantitativos usados pelo Gjol (Grupo de Pesquisa em Jornalismo Online) coordenado por Marcos Palacios e Elias Machado, na Universidade Federal da Bahia. Sua ferramenta metodológica híbrida está descrita no livro Metodologia de Pesquisa em Jornalismo, organizado por Claudia Lago e Marcia Benetti.

Na avaliação de Reino (2013), a mescla do estudo quantitativo com o qualitativo atende à necessidade das pesquisas do meio.

Ao criar um método de pesquisa aplicada, o Grupo permite lidar com teorias como a do Meio, que enfrenta dificuldades para sua aplicação metodológica, já que, como dito anteriormente, os conteúdos acabam destacando-se quando pensamos em um suporte. [...] Outro ponto importante a se destacar é que os trabalhos de pesquisa da Teoria do Meio e da metodologia do GJol acabam por se encontrar quando pensamos que todo estudo que avalia meio precisa de um objeto e que esse trabalho não pode ser apenas quantitativo ou qualitativo, mas ambos (REINO, 2013, p. 13).

A mistura de métodos pode auxiliar a abarcar todas as variáveis que a Teoria do Meio aborda, a busca pela amplitude de dados que uma análise sob o prisma dessa teoria deve gerar, mas é uma opção para alguns estudos. Cada nova pesquisa merece novos olhares sobre metodologias possíveis para responder à pergunta feita pelos pesquisadores.

5 Considerações finais

A divisão dicotômica da relação homem x máquina, forma x conteúdo, tecnologia autônoma ou determinista, real x virtual, emissor x receptor cada vez mais tem pedido, diante da sua complexidade de atributos, uma resposta que não seja reducionista.

Ciente desse cenário, o presente trabalho apresenta como base teórica os conceitos da Teoria do Meio, corrente que relaciona a tecnologia às ações do homem e as entende como a energia impulsionadora da história pela sua capacidade de mudar e reconfigurar a si e a sociedade na qual está inserida.

O meio pelo qual se transmite uma mensagem é fator de grande relevância na comunicação. A Teoria do Meio é uma ampla visão dentro dos estudos em Comunicação, uma

forma olhar para a área que se diferencia das outras por seu viés nas transformações que as mudanças midiáticas promovem. Ela não se prende a uma dicotomia como as citadas acima, mas tenta trazer a compreensão geral sobre as mudanças estudadas, o que é complexo de fazer, mas que pode trazer resultados diferenciados e de qualidade para as pesquisas, sendo, portanto, uma alternativa valiosa para os estudos em comunicação.

Além de introduzir a Teoria do Meio, o presente trabalho buscou alternativas para a aplicação em pesquisas futuras, levantando alternativas já utilizadas anteriormente e possibilidades futuras. A intenção foi ampliar os usos e debates sobre a Teoria do Meio, conseguir novos resultados que a teoria permite alcançar e desenvolver os estudos na área de Comunicação.

Novas pesquisas trarão outras experiências e vão contradizer ou reforçar o que aqui foi apresentado, é parte do processo de desenvolvimento para amadurecer a aplicação da Teoria do Meio pelos pesquisadores brasileiros, que é o objetivo maior deste artigo.

Referências

BARROS, Diana L. P. **Teoria semiótica do texto**. São Paulo: Ática, 2005.

EISENSTEIN, Elisabeth. **A revolução da cultura impressa**: Os primórdios da Europa Moderna. São Paulo: Ática, 1998.

FINNEGAN, Ruth. **Communication and Technology**. Reino Unido: Blackwell, 1975.

GENCARELLI, Thom. **Doubts**. [online]. Disponível na Internet via correio eletrônico: lucasreino@gmail.com. 16 de março de 2013.

GRINT, Keith; WOOLGAR, Steve. **The Machine at Work**: Technology, Work and Organization. Cambridge: Editora Polity Press, 1997.

INNIS, Harold. **O Viés da Comunicação**. Petrópolis: Editora Vozes, [1951] 2011.

LIMA, Karina M. Determinismo Tecnológico. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 24., 2011, Campo Grande, MS. **Anais...** Campo Grande: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2011. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/67563595302473952848713342038637476781.pdf>>. Acesso em: 5 ago. 2014.

MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos. Um modelo híbrido de pesquisa: a metodologia aplicada pelo GJOL. In: LAGO, Cláudia; BENETTI, Marcia (orgs.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. São Paulo: Vozes, 2006. p. 199-222.

MAINGUENEAU, Dominique. **Análise de textos de comunicação**. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Cultrix, 1964.

MEYROWITZ, Joshua. **No sense of place: The electronic media on social behavior.** London: Oxford University, 1985.

_____. Medium Theory. In: CROWLEY, David; MITCHELL, David (eds.). **Communication Theory Today.** Cambridge: Polity Press, 1994, p. 102-135.

_____. Multiple Media Literacies. **Journal of Communication** 43. New York: Summer, 1998, p. 96-108.

_____. **Medium Theory: An alternative to the Dominant Paradigm of Media Effects.** California: Sage, 2009.

ONG, Walter. **Oralidade e cultura escrita.** Campinas: Papirus. 1998.

POSTMAN, Neil. **Tecnopólio, a rendição da cultura à tecnologia.** São Paulo: Nobel. 1994.

REINO, Lucas. **Como a metodologia do GJOL pode ser usada para pesquisas baseadas na Teoria do Meio.** [2013, PRELO].

RODRIGUEZ, Amán R. El determinismo tecnológico y la dialéctica de la historia. **Revista Hispanoamericana de Filosofía Crítica**, v. 34, n. 100, 2002, p. 3-31.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagens líquidas na era da mobilidade.** São Paulo: Paulus, 2007.

SILVERSTONE, Roger. **¿Per qué estudiar los medias?** Buenos Aires: Amorrortu, 2004.

SILVERSTONE, Roger. **Por que estudar a mídia?** São Paulo: Loyola, 2011.

SMITH, Merritt Roe; MARX, Leo. **Historia y determinismo tecnológico.** Madrid: Alianza: 1996.

SOUSA, Janara K. L. L. Segunda Geração da Teoria do Meio: a contribuição de Meyrowitz. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 27., 2004, Porto Alegre, RS. **Anais...** Porto Alegre: Pontificia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

SOUSA, Janara K. L. L. **Teoria do Meio – contribuições e limites.** Brasília: Editora Universa, 2009.

WAINBERG, Jacques. Vivemos a maior de todas as revoluções tecnológicas. **Revista Cambiassu.** São Luís, v. 1, n. 12, p. 135-142, jan./jun. 2013. Disponível em: < http://www.cambiassu.ufma.br/cambi_2013_1/jacques.pdf>. Acesso em: 7 ago. 2014.

Thaís Bueno
Lucas Santiago Arraes Reino